

Título original:  
THE HANDMAID'S TALE

Copyright © O.W. Toad Limited, 1985

Versos de 'Heartbreak Hotel' © 1956 Tree Publishing a/c  
Dunbar Music Canada Ltd. Reproduzido com a autorização.

Direitos para a língua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 - 8º andar  
20030-021 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais  
FÁTIMA FADEL  
TIAGO LYRA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A899c Atwood, Margaret Eleanor, 1939-  
O conto da aia / Margaret Atwood; tradução de Ana Deiró. -  
Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

Tradução de: The handmaid's tale  
ISBN 85-325-2066-9

1. Romance canadense. I. Cardoso, Ana Lucia Deiró. II. Título.

17-41292

CDD-819.13  
CDU-821.111(71)-3

O texto deste livro obedece às normas do  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacob,  
teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacob:  
Dá-me filhos, ou senão eu morro.*

*Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse:  
Estou eu no lugar de Deus, que te impediu  
o fruto de teu ventre?*

*E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha;  
Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos,  
e eu, assim, receba filhos por ela.*

- GÊNESIS, 30:1-3

*Mas quanto a mim, tendo me exaurido ao longo de muitos  
anos a oferecer pensamentos vãos, ociosos e visionários, e,  
por fim, ter por completo perdido as esperanças de algum  
dia ter sucesso, felizmente, encontrei esta proposta...*

- JONATHAN SWIFT, Uma modesta proposta

*No deserto não existe nenhuma placa que diga:  
Não comerás pedras.*

- Provérbio sufi

fazer isso em algumas ocasiões, escutei fragmentos de suas conversas particulares. *Natimorto, este nasceu morto. Ou: E a golpeou com uma agulha de tricô, bem na barriga. Só pode ter sido por ciúme, estava consumida pelo ciúme.* Ou de maneira torturante para minha curiosidade: *Foi um limpador de vaso sanitário que ela usou. Funcionou às mil maravilhas, embora seria de se imaginar que ele tivesse sentido o gosto. Devia estar caindo de bêbado; mas eles descobriram o que ela tinha feito.*

Ou eu ajudaria Rita a fazer o pão, mergulhando as mãos naquele calor resistente e suave que se parece tanto com o de nossa carne. Anseio por tocar alguma coisa, algo que não seja pano ou madeira. Anseio por cometer o ato do toque.

Mas mesmo se eu pedisse, mesmo se eu violasse o decoro a esse ponto, Rita não permitiria. Ela teria medo demais. As Marthas não devem confraternizar conosco.

*Confraternizar significa comportar-se como um irmão.* Luke me disse isso. Ele me disse que não existia palavra correspondente que significasse *comportar-se como uma irmã*. Teria que ser *consororizar*, disse ele. Do latim. Ele gostava de saber detalhes assim. As derivações de palavras, os usos curiosos. Eu costumava caçoar dele, dizer que era pedante.

Pego os vales de alimentos da mão estendida de Rita. Os vales têm diferentes ilustrações, das coisas pelas quais podem ser trocados: doze ovos, um pedaço de queijo, uma coisa marrom que deveria ser um bife. Eu os guardo no bolso com zíper em minha manga, onde mantenho meu passe.

– Diga a eles que têm que ser frescos, os ovos – diz ela. – Não como da última vez. E um frango, não uma galinha. Diga a eles para quem é e eles não vão fazer corpo mole.

– Está bem – respondo. Não sorrio. Por que tentá-la com amizade?

## CAPÍTULO TRÊS



Saio pela porta dos fundos, para o jardim, que é grande e bem cuidado: um gramado no meio, um salgueiro, amentilhos floridos; ao redor das bordas, os canteiros de flores, nos quais os narcisos agora começam a desaparecer e as tulipas estão abrindo suas pétalas, derramando-se em cores. As tulipas são vermelhas, de um tom carmesim mais escuro junto aos talos; como se tivessem sido cortadas ali e estivessem começando a sarar.

O jardim é o domínio da Esposa do Comandante. Olhando para fora por minha janela com vidro inquebrável, com frequência a vejo nele, os joelhos sobre uma almofada, um véu azul atirado sobre as abas largas do chapéu de jardineiro, uma cesta ao lado com podadeiras e pedaços de barbante para amarrar as flores no lugar. Um Guardiã destacado para servir o Comandante faz o trabalho pesado de cavar, a Esposa do Comandante dá instruções, apontando com sua bengala. Muitas das Esposas têm jardins desse tipo, é alguma coisa para organizar e manter e cuidar, dar as ordens.

Houve uma época em que eu tive um jardim. Posso lembrar do cheiro da terra revolvida, das formas roliças dos bulbos seguros nas mãos, plenitude, do farfalhar seco das sementes por entre os dedos. O tempo poderia passar mais depressa assim. Por vezes a Esposa do Comandante manda trazer uma cadeira para fora e apenas fica sentada lá, em seu jardim. Visto de longe isso parece paz.

Ela não está aqui agora, e começo a me perguntar onde estará: não gosto de cruzar com a Esposa do Comandante inesperadamente. Talvez esteja costurando, na sala de estar, com o pé esquerdo sobre um banquinho por causa da artrite. Ou tricotando echarpes para os

Anjos nas frentes de batalha. Tenho dificuldade em acreditar que os Anjos tenham necessidade dessas echarpes; de todo modo, as que são feitas pela Esposa do Comandante são refinadas demais. Ela não se dá ao trabalho de fazer o padrão bordado de cruz e estrela usado por muitas das outras Esposas, não há desafio algum naquele. Pinheiros marcham ao longo das pontas de suas echarpes, ou águias, ou figuras humanoides rígidas, menino, menina, menino, menina. Não são echarpes para adultos e sim para crianças.

Às vezes penso que essas echarpes não são enviadas para os Anjos no fim das contas, e sim desmanchadas e devolvidas em bolas de fio de lã, para serem mais uma vez tricotadas. Talvez seja apenas alguma coisa para manter as Esposas ocupadas, dar-lhes uma noção de objetivo a cumprir. Mas invejo a Esposa do Comandante por seu tricô. É bom ter pequenas metas que podem ser facilmente alcançadas.

O que ela inveja em mim?

Ela não fala comigo, a menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade.

Nós nos vimos cara a cara pela primeira vez há cinco semanas, quando cheguei a este posto. O Guardião do meu posto anterior me trouxe até a porta da frente. Nos primeiros dias as portas da frente nos são permitidas, mas depois disso devemos usar os fundos. As coisas não se acomodaram, ainda é cedo demais, todo mundo ainda está inseguro sobre qual é exatamente o nosso status. Depois de algum tempo será sempre pelas portas da frente ou somente pelas dos fundos.

Tia Lydia dizia que estava fazendo lobby pelas da frente. A sua é uma posição de honra, dizia ela.

O Guardião tocou a campainha para mim, mas antes que houvesse tempo para alguém ouvir e vir depressa atender, a porta se abriu para dentro. Ela devia estar esperando atrás da porta. Eu esperava ser recebida por uma Martha, mas em vez disso era ela, em seu longo traje cerimonial azul-claro, inconfundível.

Então, é você a nova, disse ela. Não deu um passo ao lado para me deixar entrar, apenas ficou parada ali, no vão da porta, bloqueando a entrada. Queria fazer com que eu sentisse que não poderia entrar em

sua casa a menos que ela me autorizasse. Há uma disputa de poder, hoje em dia, com relação a detalhes desse tipo.

Sou, respondi.

Deixe isso na varanda. Ela disse isso para o Guardião que estava carregando minha mala. A mala era de vinil vermelho e não era grande. Havia outra mala, com a capa de inverno e vestidos mais pesados, mas essa viria depois.

O Guardião largou a mala e bateu continência para ela. Então ouvi os passos dele atrás de mim, recuando até chegar à calçada, e o estalido do portão da frente, e me senti como se um braço protetor estivesse sendo retirado. A soleira da porta de uma nova casa é um lugar solitário.

Ela esperou até que o carro desse a partida e se afastasse. Eu não estava olhando para o rosto dela, mas para a parte dela que podia ver com a cabeça baixa: o corpo de cintura larga do vestido azul, a mão esquerda no punho de marfim da bengala, os grandes diamantes no dedo anular, que outrora devia ter sido fino e delicado mas que ainda era bem cuidado, a unha na ponta do dedo nodoso bem lixada em forma de uma curva suave. Era como um sorriso irônico, naquele dedo, como algo que zombasse dela.

Talvez seja melhor você entrar, disse. Ela me deu as costas e saiu manquejando pelo corredor da entrada. Feche a porta quando passar.

Carreguei a mala vermelha para dentro, como sem dúvida deve ter sido o que ela queria, depois fechei a porta. Eu não disse nada para ela. Tia Lydia dizia que era melhor não falar a menos que fizessem uma pergunta direta a você. Tente pensar na situação sob o ponto de vista delas, dizia, as mãos apertadas e torcidas, com seu sorriso nervoso suplicante. Não é fácil para elas.

Entre aqui, disse a Esposa do Comandante. Quando entrei na sala de estar ela já estava sentada em sua cadeira, o pé esquerdo sobre o banquinho, com a almofada bordada em *petit point*, rosas numa cesta. O tricô estava no chão, ao lado da cadeira, as agulhas enfiadas.

Fiquei parada diante dela, as mãos unidas, dedos entrelaçados. Então, disse ela. Pegou um cigarro e o colocou entre os lábios e o segurou lá enquanto o acendia. Os lábios eram finos, apertados daquela

forma, com as rugas verticais ao redor deles como se costumava ver nos anúncios de cosméticos para lábios. O isqueiro era cor de marfim. Os cigarros deviam ter vindo do mercado negro, pensei, e aquilo me deu esperança. Mesmo agora que não existe mais dinheiro de verdade, ainda há um mercado negro. Sempre existe um mercado negro, sempre existe alguma coisa que pode ser trocada. Então ela era uma mulher que talvez violasse as regras. Mas o que eu possuía que pudesse trocar?

Olhei para o cigarro com desejo. Para mim, como álcool e café, cigarros eram proibidos.

Então o velho, qual é mesmo o nome dele, não deu certo, disse ela.

Não, senhora, respondi.

Ela deu o que poderia ter sido uma risada, então tossiu.

Que azar o dele, comentou ela. Esse é o seu segundo, não é?

Terceiro, senhora, respondi.

Não tão bom para você também, observou ela. Houve outra risada misturada com tosse. Pode se sentar. Não tenho o hábito de fazer isso, mas apenas desta vez.

Eu me sentei, na beirada de uma das cadeiras de espaldar duro. Não queria ficar olhando ao redor da sala. Não queria parecer pouco atenciosa com ela; de modo que a cornija de mármore da lareira à minha direita e o espelho acima dela e os arranjos de flores eram apenas sombras naquele dia, vislumbrados pelos cantos de meus olhos. Mais tarde eu teria tempo mais do que suficiente para observá-los.

Agora o rosto dela estava na mesma altura que o meu. Tive a impressão de reconhecê-la; ou pelo menos que havia algo de familiar nela. Um pouco de seu cabelo estava à mostra, por baixo do véu. Ainda era louro. Então pensei que ela talvez o oxigenasse, que tinta de cabelo era outra coisa que ela poderia conseguir no mercado negro, mas agora sei que é louro de verdade. As sobrancelhas dela haviam sido tiradas com uma pinça de modo a formar linhas finas arqueadas, que lhe davam uma expressão permanente de surpresa, ou de ultraje, ou de curiosidade, como se pode ver numa criança espantada, mas abaixo delas as pálpebras tinham uma aparência cansada. Mas não os olhos, que eram do tom azul frio e hostil de um céu no meio do verão, sob a luz intensa do sol, um azul que isola e exclui você. O

nariz devia um dia ter sido o que se chamava de gracioso, mas agora era pequeno demais para o rosto dela. O rosto não era gordo, mas era grande. Dois sulcos desciam dos cantos da boca; entre eles ficava o queixo, cerrado como um punho.

Quero ver você o mínimo possível, disse ela. Espero que se comporte da mesma forma com relação a mim.

Eu não respondi, uma vez que um sim teria sido insultuoso, um não, contraditório.

Sei que você não é ignorante, prosseguiu ela. Então tragou o cigarro e expeliu a fumaça. Li a sua ficha. No que me diz respeito, isto é uma transação comercial, um negócio. Mas se me trouxer problemas, darei o troco na mesma moeda, também lhe darei problemas. Está me entendendo?

Sim, senhora, respondi.

Não me chame de senhora, disse ela com irritação. Você não é uma Martha.

Não perguntei de que eu deveria chamá-la, porque podia ver que ela esperava que eu nunca tivesse a oportunidade de chamá-la de coisa nenhuma. Fiquei desapontada. Eu queria, naquela época, transformá-la numa irmã mais velha, numa figura maternal, alguém que me compreendia e me protegia. A Esposa em meu posto anterior àquele tinha passado a maior parte do tempo em seu quarto; as Marthas diziam que ela bebia. Eu queria que esta aqui fosse diferente. Queria pensar que eu teria gostado dela, em outra época e em outro lugar, em outra vida. Mas já podia ver que não teria gostado dela, nem ela de mim.

Ela apagou o cigarro, fumado pela metade, num pequeno cinzeiro ornamentado de arabescos sobre a mesa do abajur a seu lado. Fez isso de maneira decidida, uma estocada e uma amassada, não a série de leves batidas delicadas preferidas por muitas das Esposas.

Quanto a meu marido, disse ela, ele é apenas isso. Meu marido. Quero que isso fique perfeitamente claro. Até que a morte nos separe. É definitivo.

Sim, senhora, respondi de novo, me esquecendo. Costumava haver bonecas, para garotinhas, que falavam se você puxasse um cordão na

parte de trás; pensei que minha voz estava soando assim, uma voz monótona, uma voz de boneca. Ela provavelmente estava com vontade de me dar uns tabefes na cara. Eles podem bater em nós, existe precedente nas Escrituras determinando isso. Mas não com qualquer instrumento. Somente com suas mãos.

É uma das coisas pelas quais lutamos, disse a Esposa do Comandante, e subitamente ela não estava mais olhando para mim, estava olhando para baixo, para suas mãos nodosas cheias de diamantes, e então me lembrei de onde a havia visto antes.

A primeira vez foi na televisão, quando eu tinha oito ou nove anos. Era quando minha mãe estava em casa dormindo, nas manhãs de domingo e eu acordava cedo e ia até o aparelho de televisão no estúdio de minha mãe e ficava passando de canal em canal em busca de desenhos animados. Por vezes, quando não conseguia encontrar nenhum, costumava assistir à *Hora dos Evangelhos das almas em crescimento*, onde contavam histórias da Bíblia para crianças e cantavam hinos. Uma das mulheres se chamava Serena Joy. Ela era a soprano principal. Era uma mulher de cabelos louro-acinzentados, de tipo *mignon*, com um nariz arrebitado e enormes olhos azuis que reviravam para cima durante os hinos. Ela conseguia sorrir e chorar ao mesmo tempo, uma ou duas lágrimas escorrendo graciosamente pela face, como se respondendo a uma deixa, enquanto sua voz se elevava às notas mais altas, trêmula, sem nenhum esforço. Foi mais tarde que ela passou a se dedicar a outras coisas.

A mulher sentada na minha frente era Serena Joy. Ou tinha sido, outrora. De modo que a situação era pior do que eu havia imaginado.

## CAPÍTULO QUATRO



Vou andando pelo caminho de cascalho que divide o gramado dos fundos, com esmero, como um repartido de cabelo. Choveu durante a noite; a grama dos dois lados está molhada, o ar úmido. Há minhocas por toda parte, evidência da fertilidade do solo, apanhadas pelo sol, semimortas, flexíveis e rosadas, como lábios.

Abro o portão de estacas brancas e prossigo, passando pelo gramado da frente e em direção ao portão da frente. Na entrada para carros, um dos Guardiões destacado para serviço em nossa residência está lavando o carro. Isso deve significar que o Comandante está na casa, em seus próprios aposentos, depois da sala de jantar e mais além, onde parece ficar a maior parte do tempo.

O carro é um modelo muito caro, um Tormentas; melhor que o Carruagem, muito melhor que o grandalhão e prático Beemoth.\* É preto, claro, a cor do prestígio ou de um carro funerário, longo e de formas suaves e graciosas. O motorista está polindo o carro com um pano acamurçado, carinhosamente. Pelo menos isso não mudou, a maneira como os homens acariciam os bons carros.

Ele veste o uniforme dos Guardiões, mas está com o quepe inclinado num ângulo garboso e as mangas enroladas até o cotovelo, mostrando seus antebraços bronzeados, mas com um pontilhado de pelos escuros. Está com um cigarro enfiado no canto da boca, o que mostra que ele também tem alguma coisa que pode trocar no mercado negro.

\* Tormentas, Oséas, 8:7; Beemoth ou, Hipopótamo, Job, 40:15. (N.da T.)

Sei o nome desse homem: Nick. Sei disso porque ouvi Rita e Cora falando a respeito dele, e numa ocasião ouvi o Comandante falar com ele: Nick, não vou precisar do carro.

Ele mora aqui, na casa da família, em cima da garagem. Tem baixo status: oficialmente não lhe foi concedida uma mulher, nem sequer uma. Não consegui se classificar para isso: tem algum defeito, falta de bons contatos. Mas age como se não soubesse disso, ou pouco se importasse. É demasiado informal, não é servil o suficiente. É possível que seja por burrice, mas não acredito. Não me cheira bem, como costumavam dizer; ou: Me deixa com a pulga atrás da orelha, cheira mal. Sem querer, não consigo deixar de pensar em como poderia ser o cheiro dele. Não um cheiro ruim, um fedor desagradável: pele bronzeada, úmida ao sol, coberta por uma película de fumaça. Eu suspiro, inalando.

Ele olha para mim e me vê olhando. Tem um rosto francês, magro, forte, pouco comum, ligeiramente jocoso, cheio de planos e ângulos, com sulcos fundos ao redor da boca onde sorri. Dá uma tragada final no cigarro, deixa cair no pavimento e pisa nele. Ele começa a assobiar. E então pisca um olho.

Baixo a minha cabeça e viro de modo que as abas brancas me escondam o rosto, e continuo a andar. Ele acabou de se arriscar, mas para quê? E se eu o denunciasses?

Talvez estivesse apenas sendo amistoso. Talvez tenha visto a expressão em meu rosto e a interpretado erroneamente como sendo outra coisa. Na verdade, o que eu queria era o cigarro.

Talvez tenha sido um teste, para ver o que eu iria fazer.

Talvez ele seja um Olho.

Abro o portão da frente e o fecho atrás de mim, olhando para baixo, mas não para trás. A calçada é de tijolos vermelhos. Essa é a paisagem em que me concentro, um campo de retângulos, suavemente ondulado onde a terra abaixo se dobrou, devido a décadas e décadas de geadas de inverno. A cor dos tijolos é antiga, mas ainda assim fresca e nítida. As calçadas são mantidas muito mais limpas do que costumavam ser.

Caminho até a esquina e espero. Eu costumava ser ruim em esperar. Eles também servem quem fica parada e espera, dizia Tia Lydia. Ela nos fez memorizar isso. Também disse: Nem todas vocês conseguirão se sair bem. Algumas de vocês cairão em solo infértil ou espinhoso. Algumas de vocês não têm raízes profundas. Ela tinha uma verruga no queixo que subia e descia à medida que falava. Ela disse: Pensem em si próprias como sementes, e naquele exato momento a voz dela adquiriu um tom adulator, lisonjeiro, conspirador, como as vozes daquelas mulheres que costumavam dar aulas de balé a crianças, e que diziam: Braços para cima no ar agora; vamos fingir que somos árvores.

Fico parada na esquina, fingindo que sou uma árvore.

Uma forma, vermelha com touca de abas brancas ao redor da cabeça, uma formã como a minha, uma mulher de aparência sem graça e desinteressante, de vermelho, carregando uma cesta, se aproxima pela calçada de tijolos em minha direção. Ela me alcança e examinamos uma o rosto da outra, olhando pelos túneis brancos de tecido que nos cercam. Ela é a mulher certa.

– Bendito seja o fruto – diz ela para mim, a expressão de cumprimento considerada correta entre nós.

– Que possa o Senhor abrir – respondo, a resposta também correta. Viramo-nos e caminhamos juntas passando pelas grandes casas, em direção à parte central da cidade. Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapular da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável.

Esta mulher tem sido minha parceira há duas semanas. Não sei o que aconteceu com a outra, a anterior. Um belo dia, ela simplesmente não estava mais lá, e esta aqui estava em seu lugar. Não é o tipo de coisa a qual você faça perguntas, porque as respostas não são, geralmente, respostas que você queira conhecer. De qualquer maneira, não haveria uma resposta.

Esta aqui é um pouco mais roliça do que eu. Seus olhos são castanhos. O nome dela é Ofglen, e isso é mais ou menos tudo que sei a seu respeito. Ela caminha com modéstia e gravidade afetadas, de cabeça baixa, as mãos enluvadas de vermelho entrelaçadas na frente, com pequenos passos curtos, como um porco treinado andando sobre as patas traseiras. Durante essas caminhadas ela nunca disse nada que não fosse estritamente ortodoxo, no entanto, nem eu. Pode ser uma verdadeira crente, uma Aia em mais do que apenas o título. Não posso correr o risco.

- A guerra está indo bem - diz ela.
- Louvado seja - respondo.
- Tivemos a bênção do tempo bom.
- Que eu recebo com alegria.
- Derrotaram mais rebeldes, desde ontem.

- Louvado seja - respondo. Não lhe pergunto como sabe. - O que eram eles?

- Batistas. Tinham uma fortaleza nas Colinas Azuis. Eles os obrigaram a sair de lá.

- Louvado seja.

Às vezes eu desejaria que ela apenas se calasse e me deixasse andar em paz. Mas estou faminta por notícias, qualquer tipo de notícias, mesmo que sejam falsas notícias, devem significar alguma coisa.

Chegamos à primeira barreira de controle, que é como as barreiras que bloqueiam trechos de estradas em obras, ou escavações de esgotos abertas: um obstáculo de madeira pintado num padrão de linhas cruzadas com listras amarelas e pretas, um hexágono vermelho que significa Parar. Perto do portão de passagem há algumas lanternas, que não estão acesas porque não é noite. Acima de nós, eu sei, existem holofotes, presos aos postes telefônicos, para serem usados em emergências, e há homens com metralhadoras nos abrigos de cimento armado no alto de pilares dos dois lados da estrada. Não vejo as metralhadoras nem os abrigos nos pilares por causa das abas ao redor de meu rosto. Apenas sei que estão lá.

Atrás da barreira, esperando por nós na passagem estreita do portão, estão dois homens, com os uniformes verdes dos Guardiões da Fé, com o escudo de armas nos ombros e nas boinas: duas espadas

cruzadas, acima de um triângulo branco. Os Guardiões não são soldados de verdade. São usados no policiamento de rotina e em outras funções sem importância, cavar o jardim da Esposa do Comandante, por exemplo, e ou são burros ou mais velhos ou incapacitados ou muito jovens, exceto pelos que são Olhos ocultos.

Estes dois são muito jovens: em um o bigode ainda é de fios ralos, no outro o rosto ainda está cheio de espinhas. A juventude deles é comovente, mas sei que não posso me deixar enganar por ela. Os jovens são com frequência os mais perigosos, os mais fanáticos, os mais nervosos com suas armas. Ainda não aprenderam com o tempo sobre as coisas da vida. Você tem que ir bem devagar com eles.

Na semana passada mataram a tiros uma mulher, bem aqui. Era uma Martha. Estava remexendo em sua túnica em busca do passe, e pensaram que estivesse apanhando uma bomba. Pensaram que fosse um homem disfarçado. Já houve incidentes desse tipo.

Rita e Cora conheciam a mulher. Eu as ouvi falando sobre o ocorrido, na cozinha.

Estavam fazendo seu trabalho, disse Cora. Mantendo-nos seguras.

Nada é mais seguro que a morte, retrucou Rita, em tom zangado. Ela estava apenas cuidando de suas obrigações. Não havia necessidade de matá-la.

Foi um acidente, disse Cora.

Acidentes não existem. Tudo acontece intencionalmente. Eu podia ouvi-la batendo as painéis umas nas outras, na pia.

Bem, de qualquer maneira, alguém vai pensar duas vezes antes de explodir esta casa, disse Cora.

Mesmo assim, retrucou Rita. Ela trabalhava duro. Foi uma morte ruim.

Posso pensar em piores, disse Cora. Pelo menos foi rápida.

Você pode dizer isso, retrucou Rita. Eu preferiria ter algum tempo antes, sabe. Para botar as coisas em ordem.

Os dois Guardiões nos saúdam com uma continência, levando os dedos às bordas das boinas. Tais homenagens nos são concedidas. Espera-se que eles demonstrem respeito, devido à natureza de nosso serviço.

Apresentamos os passes, tirados de nossos bolsos com zíper nas mangas largas, e eles são inspecionados e carimbados. Um homem vai até o abrigo de concreto da direita, para digitar nossos números no Compuchegue.

Ao devolver meu passe, o Guardião do bigode cor de pêssego inclina a cabeça para tentar dar uma olhadela no meu rosto. Levanto um pouco a cabeça, para ajudá-lo, e ele vê meus olhos e vejo os dele, e ele enrubesce. O rosto dele é comprido e triste, como o de uma ovelha, mas com os olhos grandes e redondos de um cachorro, um spaniel não um terrier. A pele é pálida e tem uma aparência delicada pouco saudável, como a da pele sob uma casca de ferida. Apesar disso, penso em pôr minha mão nela, naquela face exposta. É ele quem vira o rosto para o outro lado.

É um acontecimento, um pequeno desafio às regras, tão pequeno a ponto de ser indetectável, mas momentos como esse são as recompensas que guardo para mim mesma, como as balas que juntava e escondia, quando criança, no fundo de uma gaveta. Momentos como esse são possibilidades, minúsculos olhos mágicos.

E se eu viesse aqui à noite, quando ele estivesse montando guarda sozinho – embora nunca lhe fosse ser permitida tanta solidão – e permitisse que ele visse para além de minhas abas brancas? E se eu tirasse minha mortalha vermelha e me mostrasse a ele, a eles, sob a luz bruxuleante das lanternas? É a respeito disso que devem pensar de vez em quando, enquanto estão de pé interminavelmente junto a esta barreira, pela qual ninguém passa, exceto os Comandantes dos Fiéis em seus longos carros negros murmuradores, ou suas Esposas de azul e filhas de véus brancos obedientes a caminho de Salvamentos e de “Rezavagâncias”, ou as rechonchudas Marthas de verde, ou o Partomóvel ocasional, ou suas Aias de vermelho, a pé. Ou, às vezes, uma camionete pintada de preto, com o olho alado em branco dos lados. As janelas das camionetes têm vidros tingidos escuros, e os homens sentados nos assentos dianteiros usam óculos escuros: uma dupla obscuridade.

As camionetes são sem dúvida mais silenciosas que os outros carros. Quando passam, desviamos os olhos. Se há sons vindo de dentro delas, tentamos não ouvi-los. O coração de ninguém é perfeito.

Quando as camionetes pretas chegam a um posto de controle, são recebidas com acenos para passar direto sem nenhuma pausa. Os Guardiões não queriam correr o risco de olhar para dentro, de revistá-las, de duvidar da autoridade delas. Não importa o que pensem.

Se é que pensam, não é possível dizer só de olhar para eles.

É mais provável, porém, que não pensem em termos de roupas descartadas, jogadas na grama. Se pensam em um beijo, devem então pensar imediatamente nos holofotes se acendendo, nos tiros de carabina. Em vez disso pensam em cumprir seu dever e serem promovidos a Anjos, e em possivelmente ter permissão de se casar, e então, se forem capazes de ganhar poder suficiente e viver até ficarem velhos o suficiente, de serem aquinhoados com uma Aia só deles.

O de bigode abre o pequeno portão de pedestres para nós e recua um bocádo, postando-se bem longe de nosso caminho, e passamos. Enquanto nos afastamos sei que estão nos observando, esses dois homens que ainda não têm sequer permissão para tocar em mulheres. Eles tocam com os olhos, e eu remexo um pouco os quadris, sentindo a saia vermelha rodada balançar ao meu redor. É como dar uma banana quando se está atrás de uma cerca ou atirar um cachorro com um osso mantido fora do alcance, e sinto-me envergonhada de meu comportamento, porque nada disso é culpa desses homens, são jovens demais.

Então descubro que afinal não estou envergonhada. Aprecio o poder; o poder de um osso de cachorro, passivo mas presente. E espero que fiquem de pau duro ao nos verem e que tenham que se esfregar contra as barreiras pintadas, às escondidas. Eles sofrerão, mais tarde, à noite, em suas camas de regimento. Agora não dispõem mais de quaisquer meios para dar vazão, exceto por si próprios, e isso é um sacrilégio. Não existem mais revistas, não existem mais filmes, não existem mais substitutos; só eu e minha sombra se afastando dos dois homens, que se perfilam, rigidamente, junto a uma barreira de estrada, impedindo um caminho, observando nossas formas que se distanciam.



## CAPÍTULO CINCO



Duplicada, ando pela rua. Embora não estejamos mais na área cercada reservada aos Comandantes, aqui também há casas grandes. Diante de uma delas um Guardião está cortando a grama. Os gramados são bem cuidados, as fachadas, graciosas, em bom estado; elas são como as belas fotografias que se costumavam imprimir nas revistas sobre casas e jardins e decoração de interiores. Existe a mesma ausência de pessoas, a mesma aparência de estarem adormecidas. A rua é quase como um museu, ou uma rua numa cidade modelo construída para mostrar a maneira como as pessoas costumavam viver. Como naquelas fotografias, naqueles museus, naquelas cidades modelos, não há crianças.

Este é o coração de Gilead, onde a guerra não pode penetrar nem se intrometer, exceto pela televisão. Onde ficam os limites não sabemos ao certo, eles variam, de acordo com os ataques e contra-ataques; mas este é o centro, onde nada se move. A República de Gilead, dizia Tia Lydia, não conhece fronteiras. Gilead está dentro de você.

Houve uma época em que aqui moravam médicos, advogados, professores universitários. Não existem mais advogados, e a universidade está fechada.

Luke e eu costumávamos passear juntos, de vez em quando, por estas ruas. Costumávamos falar em comprar uma casa como uma dessas, uma grande casa velha, e restaurá-la. Teríamos um jardim, balanços para as crianças. Teríamos filhos. Embora soubéssemos que não era muito provável que algum dia viéssemos a ter condições para isso, era um assunto de conversa, uma brincadeira de domingo. Tamanha liberdade, agora, parece quase sem importância.

\* \* \*

Dobramos a esquina e entramos numa rua principal, onde há mais tráfego. Carros passam, a maioria deles pretos, alguns cinzentos e marrons. Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas. Essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem. Por vezes há uma mulher toda de preto, uma viúva. Costumava haver um número maior delas, mas parecem estar diminuindo.

Você não vê as Esposas de Comandantes nas calçadas. Só em carros.

As calçadas aqui são de cimento. Como uma criança, evito pisar nas rachaduras. Estou me lembrando de meus pés nessas calçadas, no tempo de antes, e o que eu costumava usar neles. Por vezes eram sapatos de corrida, com solas grossas acolchoadas para absorver o impacto e orifícios para ventilação, e estrelas de tecido fluorescente que refletiam a luz na escuridão. Embora eu nunca corresse durante a noite; nem durante o dia, só à beira das ruas bem frequentadas.

As mulheres não eram protegidas naquela época.

Lembro-me das regras, regras que nunca eram explicadas em detalhes, mas que toda mulher conhecia: não abra sua porta para um desconhecido, mesmo se ele disser que é da polícia. Faça-o passar o cartão de identificação por baixo da porta. Não pare na estrada para ajudar um motorista fingindo estar em dificuldade. Mantenha as portas trancadas e siga em frente. Se alguém assobiar, não se vire para olhar. Não entre numa lavanderia com máquinas de autoatendimento sozinha, à noite.

Penso a respeito de lavanderias de autoatendimento. O que eu vestia para ir a elas, shorts, jeans, calças de malha de corrida. O que eu punha nas máquinas: minhas próprias roupas, meu próprio sabão, meu próprio dinheiro, dinheiro que eu mesma ganhava. Penso sobre ter tanto controle.

Agora andamos pela mesma rua, aos pares de vermelho, e homem nenhum grita obscenidades para nós, fala conosco, toca em nós. Ninguém assobia.

Existe mais de um tipo de liberdade, dizia Tia Lydia. Liberdade para, a faculdade de fazer ou não fazer qualquer coisa, e liberdade de, que significa estar livre de alguma coisa. Nos tempos da anarquia, era liberdade para. Agora a vocês está sendo concedida a liberdade de. Não a subestimem.

A nossa frente, à direita, fica a loja onde mandamos fazer vestidos. Algumas pessoas chamam de *hábitos*, uma boa palavra para eles. Hábitos são difíceis de abandonar ou despir. A loja tem uma enorme insígnia de madeira do lado de fora, com o formato de um lírio dourado; chama-se Lírios do Campo. Pode-se ver o lugar, debaixo do lírio, onde o nome inscrito foi apagado, repintado e coberto por uma tarja de tinta, quando decidiram que mesmo os nomes de lojas eram tentação demais para nós. Agora os lugares são conhecidos apenas pelas figuras desenhadas nas insígnias em madeira.

A Lírios do Campo costumava ser uma sala de cinema, antigamente. Estudantes costumavam ir muito lá; toda primavera havia um festival de Humphrey Bogart, com Lauren Bacall ou Katherine Hepburn, mulheres independentes, tomando suas decisões. Elas usavam blusas com botões abotoados na frente que sugeriam as possibilidades da palavra *desabotoar*, desatar. Aquelas mulheres podiam se desatar; ou não. Elas pareciam ser capazes de escolher. Nós parecíamos capazes de escolher naquela época. Éramos uma sociedade que estava morrendo, dizia Tia Lydia, de um excesso de escolhas.

Não sei quando pararam de realizar o festival. Eu já devia ter me tornado adulta. De modo que não reparei.

Não entramos na Lírios, mas seguimos para o outro lado da rua, e um pouco mais adiante por uma rua lateral. Nossa primeira parada é uma loja com outras figuras desenhadas na madeira: três ovos, uma abelha, uma vaca. Leite e Mel. Há uma fila e esperamos por nossa vez, de duas em duas. Vejo que hoje eles têm laranjas. Desde que a América Central foi perdida para os Libertheos, as

laranjas são difíceis de encontrar: por vezes estão lá, por outras não. A guerra cria problemas para as laranjas da Califórnia, e mesmo a Flórida não é confiável, quando há bloqueios nas estradas ou quando as linhas de trens foram explodidas. Olho para as laranjas e anseio por uma, mas não trouxe vales para laranjas. Voltarei para casa e falarei com Rita sobre as laranjas, penso. Ela vai ficar satisfeita. Será alguma coisa, uma pequena conquista, ter conseguido fazer com que laranjas aconteçam.

Aquelas que chegam ao balcão entregam seus vales aos dois homens com uniformes de Guardiões, postados do outro lado. Ninguém fala muito, embora haja um farfalhar, e as cabeças das mulheres se movam furtivamente de um lado para o outro: aqui, fazendo compras, é onde você pode ver alguém que conhece, alguém que conheceu no tempo de antes, ou no Centro Vermelho. O simples fato de vislumbrar um rosto assim é um encorajamento. Se eu pudesse ver Moira, apenas vê-la, saber que ela ainda existe. É difícil imaginar isso agora, ter uma amiga.

Mas Ofglen, ao meu lado, não está olhando. Talvez ela não conheça mais ninguém. Talvez todas tenham desaparecido, as mulheres que conhecia. Ou talvez ela não queira ser vista. Ofglen se mantém em silêncio, de cabeça baixa.

Enquanto esperamos em nossa fila dupla, a porta se abre e mais duas mulheres entram, ambas com os vestidos vermelhos e toucas brancas de abas largas das Aias. Uma delas está enorme de grávida, a barriga, sob as roupas largas, se avoluma triunfantemente. Há uma mudança no ambiente, um murmúrio, uma exalação de ar; sem querer viramos a cabeça, de maneira ostensiva, para ver melhor; nossos dedos anseiam por tocá-la. Ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja e desejo, nós a cobiçamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina que nos mostra o que ainda pode ser feito: também podemos ser salvas.

As mulheres no aposento estão cochichando, quase falando, tão grande é a excitação delas.

– Quem é? – Ouço atrás de mim.

– Ofwayne. Não. Ofwarren.

– Exibida – sibila uma voz, e isso é verdade. Uma mulher grávida não tem que sair, não tem que fazer compras. A caminhada diária não é mais obrigatória, para manter os músculos abdominais exercitados e em bom estado de funcionamento. Ela precisa apenas dos exercícios de solo e de treinamento respiratório. Poderia ficar em casa. E é perigoso para ela estar fora de casa, deve haver um Guardião postado do lado de fora da porta, esperando por ela. Agora que é uma portadora de vida, está mais próxima da morte e precisa de segurança especial. Poderia ser vitimada pelo ciúme. Todas as crianças agora são queridas, mas não por todo mundo.

Mas a caminhada deve ser um capricho seu, e eles satisfazem caprichos, quando a coisa conseguiu chegar tão longe e não houve nenhum aborto. Ou talvez ela seja uma daquelas. *Podem mandar ver no sofrimento, eu aguento*, uma mártir. Consigo ver seu rosto de relance, quando o levanta para olhar ao redor. A voz atrás de mim estava correta. Ela veio para se mostrar. Está toda rosada, fulgurante, está adorando cada minuto disso.

– Silêncio – diz um dos Guardiões atrás do balcão, e nos calamos como meninas em sala de aula.

Ofglen e eu chegamos ao balcão. Entregamos nossos vales, e um Guardião registra os números deles no Compubite, enquanto o outro nos entrega nossas compras, o leite, os ovos. Nós as colocamos nas cestas e saímos de novo, passando pela mulher grávida e sua parceira, que ao lado dela parece magra, murcha, como todas nós. A barriga da mulher grávida é como um imenso fruto. *Gigantismo*, palavra da minha infância. Suas mãos repousam sobre a barriga como se para defendê-la, ou como se estivessem obtendo alguma coisa dela, calor e força.

Enquanto passo ela me encara abertamente, olhos nos olhos, e sei quem ela é. Esteve no Centro Vermelho comigo, era uma das queridinhas de Tia Lydia. Jamais gostei dela. O nome dela, no tempo de antes, era Janine.

Janine olha para mim e então, ao redor dos cantos de sua boca há uma sombra de sorriso malicioso. Ela baixa o olhar de relance para onde está minha barriga, lisa sob meu vestido vermelho, e as abas

brancas cobrem seu rosto. Posso ver apenas um pouquinho de sua testa e a ponta rosada de seu nariz.

Em seguida entramos no Toda a Carne, que é identificado por uma grande costeleta de porco de madeira pendurada em duas correntes. Não há uma fila tão grande ali: a carne é cara, e mesmo os Comandantes não comem carne todos os dias. Ofglen, contudo, compra bife, e esta é a segunda vez esta semana. Contarei isso às Marthas: é o tipo de coisa que gostam de saber. Elas se interessam muito em saber como outras casas de família são administradas; esse tipo de bisbilhotice mesquinha lhes dá oportunidade de sentir orgulho ou descontentamento.

Pego a galinha, embrulhada em papel de açougue e amarrada com um barbante. Não existem mais muitas coisas feitas de plástico. Lembro-me daquelas infundáveis sacolas plásticas de compras do supermercado; eu detestava o desperdício de jogá-las no lixo e costumava juntá-las e enfiá-las no armário debaixo da pia, até que chegava um dia em que havia sacolas demais e eu abria a porta do armário e elas jorravam para fora, espalhando-se pelo chão. Luke costumava reclamar disso. Periodicamente ele tirava todas as sacolas e jogava fora.

Ela poderia enfiar uma dessas na cabeça, dizia ele. Você sabe como as crianças gostam de brincar. Ela nunca faria isso, eu respondia. Já é crescida demais para isso. (Ou esperta demais, ou afortunada demais.) Mas sentia um calafrio de medo, e então me sentia culpada por ter sido tão descuidada. Era verdade, eu não dava o devido valor a muita coisa; eu confiava no destino, naquela época. Vou passar a guardá-las num armário mais alto, dizia. Simplesmente, não as guarde, respondia ele. Nunca as usamos para nada. Como saco de lixo, eu dizia. Ele respondia.

Não aqui e agora. Não onde as pessoas estão olhando. Viro-me, vejo minha silhueta na vitrine de vidro espelhado. Então já saímos, estamos na rua.

Um grupo de pessoas está vindo em nossa direção. São turistas, do Japão, ao que parece, uma delegação comercial talvez, numa

excursão aos monumentos históricos ou passeando em busca de alguma cor local. São pequeninos e muito bem-vestidos; cada um tem a câmera dele ou dela, o sorriso dele ou dela. Olham ao redor, animados, alegres e bem-dispostos, inclinando a cabeça para um lado como rouxinóis, sua simples jovialidade vivaz uma agressão, e não consigo deixar de ficar olhando para eles. Faz muito tempo que não vejo mulheres vestidas com saias tão curtas. As saias chegam apenas até pouco abaixo dos joelhos e as pernas saem debaixo delas, quase nuas nas meias finas, ostensivas, provocadoras, os sapatos de salto alto com as tiras presas ao pé parecendo delicados instrumentos de tortura. As mulheres oscilam sobre os pés espigados como se sobre pequenas pernas de pau, mas sem equilíbrio; suas costas se arqueiam na cintura, projetando as nádegas para fora. Têm a cabeça descoberta, e os cabelos também estão expostos em toda a sua escuridão e sexualidade. Usam batom vermelho, delineando as cavidades úmidas de suas bocas, como desenhos numa parede de banheiro, do tempo de antes.

Paro de andar. Ofglen para ao meu lado e sei que ela também não consegue tirar os olhos daquelas mulheres. Estamos fascinadas, mas ao mesmo tempo sentimos repulsa. Elas parecem despidas. Foi preciso tão pouco tempo para mudar nossas ideias a respeito de coisas como essa.

Então penso: eu costumava me vestir assim. Isso era liberdade.

*Ocidentalizada*, é como eles costumavam chamar isso.

Os turistas japoneses vêm em nossa direção, rindo nervosamente, e viramos a cabeça tarde demais: nossos rostos foram vistos.

Há um intérprete, vestindo o terno azul e gravata estampada vermelha padronizados, com o olho alado no alfinete da gravata. É ele quem dá um passo adiante, sai do grupo, para se postar à nossa frente, bloqueando nosso caminho. Os turistas se agrupam atrás dele; um deles levanta uma câmera.

– Com licença – diz ele para nós duas, muito educadamente. – Eles estão perguntando se podem tirar sua fotografia.

Baixo o olhar para a calçada, sacudo a cabeça para sinalizar Não. O que eles devem ver é apenas as abas brancas, um pedacinho de rosto, meu queixo e parte de minha boca. Não os olhos. Não sou estúpida

de encarar de frente o intérprete. A maioria dos intérpretes são Olhos, ou pelo menos é o que dizem.

Também não sou estúpida de dizer Sim. Modéstia é invisibilidade, dizia Tia Lydia. Nunca se esqueçam disso. Ser vista – ser *vista* – é ser – a voz dela tremeu – penetrada. O que vocês devem ser, meninas, é impenetráveis. Ela nos chamava de meninas.

Ao meu lado Ofglen também está calada. Ela enfiou as mãos de luvas vermelhas dentro das mangas, para escondê-las.

O intérprete se vira de volta para o grupo, tagarela um pouco com eles em *staccato*. Sei o que estará dizendo, conheço essa fala. Ele lhes estará dizendo que as mulheres aqui têm costumes diferentes, que ficar observando-as através das lentes de uma câmera é, para elas, uma experiência de violação.

Estou de cabeça baixa, olhando para a calçada, hipnotizada pelos pés das mulheres. Uma delas está usando sandálias, com os dedos dos pés de fora, as unhas pintadas de rosa forte. Lembro-me do cheiro de esmalte de unhas e da maneira como embolava se você passasse a segunda mão cedo demais, do roçar acetinado de meias-calças finas contra a pele, da sensação nos dedos, quando empurrados em direção à abertura no sapato pelo peso do corpo inteiro. A mulher com as unhas dos pés pintadas se apoia, ora num pé ora no outro. Sinto os sapatos dela, em meus próprios pés. O cheiro de esmalte de unhas me deixou com fome.

– Com licença – diz o intérprete mais uma vez, para chamar nossa atenção. Faço um sinal com a cabeça, para mostrar a ele que o ouvi.

– Ele pergunta se vocês são felizes – diz o intérprete. Posso imaginá-la muito bem, a curiosidade deles: *Elas são felizes? Como podem ser felizes?* Posso sentir os olhos negros brilhantes de todos eles pousados sobre nós, a maneira como se inclinam um pouco para frente para ouvir nossas respostas, especialmente as mulheres, mas os homens também: somos secretas, proibidas, nós os excitamos.

Ofglen não diz nada. Há um silêncio. Mas às vezes é igualmente perigoso não falar.

– Sim, somos muito felizes – murmuro. Tenho que dizer alguma coisa. Que outra coisa posso dizer?